

Notas preliminares sobre o arquivamento digital da Covid-19¹

*Ian Kisil Marino*²

Resumo: O isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 acelerou a presença das mídias digitais no cotidiano, em escala global. Tentando reagir ao inesperado e trágico evento provocado pelo novo coronavírus, surgiram diversas iniciativas de arquivamento digital, registrando as experiências vividas durante a pandemia. Esses projetos encamparam técnicas e preceitos que já existiam. Entretanto, pela primeira vez, um único evento disruptivo impulsionou iniciativas semelhantes por todo o mundo. Compreender os problemas teóricos decorrentes do arquivamento digital é um desafio ao qual a historiografia deve conseguir responder. Este artigo defende que os arquivos digitais da pandemia da Covid-19 apresentam-se como uma oportunidade ideal para que esses problemas sejam observados em escala comparativa e global. Discutindo a dimensão teórica da categoria “arquivo digital” e observando uma amostra de arquivos da pandemia pelo mundo, oferecem-se apontamentos introdutórios sobre essa questão, como parte de uma pesquisa em andamento.

Palavras-chave: História digital. Humanidades digitais. Arquivos digitais. Covid-19. Teoria da História.

Preliminary notes on Covid-19 digital archiving

Abstract: The social isolation provoked by Covid-19 pandemic increased the daily presence of digital media, on a global scale. To react to the unexpected and tragic event of the novel coronavirus, a variety of digital archiving initiatives have come forth to

¹ Agradeço ao esforço colaborativo dos colegas pesquisadores do Centro de Humanidades Digitais IFCH-Unicamp – em especial a Thiago Lima Nicodemo e Pedro Telles da Silveira, cujo diálogo foi imprescindível à realização deste texto.

² Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutorando em História pela mesma instituição.

record experiences during the pandemic. These projects have used techniques and concepts that already existed. However, for the first time, similar initiatives around the world responded to a unique disruptive event. Understanding the theoretical problems of digital archiving is a challenge that historiography must address. This article argues that digital archives on the pandemic presents an ideal opportunity to look at these problems from a comparative and global standpoint. By discussing the theoretical dimension of the “digital archive” category and contemplating a sample of Covid-19 archives around the world, introductory notes are elaborated on the matter, as part of an ongoing research.

Keywords: Digital history. Digital humanities. Digital archives. Covid-19. Theory of history.

Notas preliminares acerca del archivamiento digital de la Covid-19

Resumen: La pandemia del nuevo coronavirus ha provocado un aislamiento social que, a su vez, aceleró la presencia de los medios digitales en la vida cotidiana globalmente. Una de las consecuencias de este inesperado y trágico evento fue la aparición de múltiples iniciativas de archivo digital con el intento de registrar las experiencias vividas a lo largo de la pandemia. Aunque dichos proyectos se sirvieron de técnicas y preceptos que ya existían, por la primera vez, un sólo evento disruptivo generó iniciativas similares en todo el mundo. El discernimiento de los problemas teóricos generados a partir del archivo digital es un desafío al cual la historiografía tiene que presentar respuestas. De este modo, este artículo, sostiene que los archivos digitales de la pandemia Covid-19 presentan una oportunidad ideal para la observación de estos problemas en escala comparativa y global. Al proponerse a argumentar acerca de la dimensión teórica de la categoría “archivo digital” basado en una muestra de archivos de la pandemia de todo el globo, se ofrecen notas introductorias acerca de este tema, como parte de una investigación todavía en curso.

Palabras clave: Historia digital. Humanidades digitales. Archivos digitales. Covid-19. Teoría de la historia.

Introdução

No dia 8 de maio de 2020, a jornalista canadense Naomi Klein (2020) demonstrou preocupação com o que chamou de “Screen New Deal”. Tratava-se do plano para prevenção de epidemias elaborado por Andrew Cuomo, governador de Nova Iorque, e Eric Schmidt, presidente da Alphabet, holding que controla a Google – da qual fora CEO. Previa-se o aumento da presença das tecnologias

digitais nas diferentes atividades cotidianas, possibilitando a coleta de dados por aparelhos simultaneamente conectados à internet. O Estado, em parceria com grandes empresas de tecnologia, teria mais informações sobre a vida dos cidadãos: seria possível identificar, rapidamente, indivíduos infectados por bactérias ou vírus aterradores; poderiam ser rastreados os contatos sociais estabelecidos por contaminados, propondo barreiras para o avanço de doenças; haveria, enfim, mais recursos para o encaminhamento público de situações epidemiológicas inesperadas. Esse plano foi uma resposta ao novo coronavírus, que avançou rapidamente em 2020 e teve impacto global, com saturação de hospitais, acúmulo de mortes e isolamento social preventivo.

O estado de Nova Iorque foi, por algum tempo, um dos polos mundiais da Covid-19, pouco depois de a Organização Mundial da Saúde ter declarado estado de pandemia, em 11 de março de 2020. Não surpreende que o governador buscasse formas de contenção de possíveis catástrofes semelhantes. Klein, no entanto, receia pela ausência de privacidade sobre dados pessoais e pelo interesse das corporações privadas de tecnologia, sem as quais o projeto não seria viável. Ela se preocupa, também, com o uso mercadológico e político desses dados, indicativo de uma onipresente e constante vigilância. Contudo, a jornalista reconhece que não se trata de questões novas: a ascensão das mídias digitais é anterior à pandemia. A recorrência ao digital não seria inédita e nem inesperada, e os recursos técnicos para a elaboração do projeto já estariam bem estabelecidos. Era de se esperar que Cuomo os buscasse como solução e que Schmidt, uma das maiores lideranças do Vale do Silício, fosse eleito para a arquitetura do projeto. A capacidade de registro e monitoramento de dados via internet já era matéria comum, bem como o interesse de estados nacionais e corporações em utilizarem essas informações, sob o pretexto de segurança pública ou eficiência de serviços. A pandemia apenas catalisou essa realidade.

A trágica experiência da Covid-19 estreitou os laços com as tecnologias digitais, o que foi essencial para a rápida transmissão de informações, com destaque aos alertas sobre o número de con-

taminados e mortos e aos protocolos de prevenção. A adoção do trabalho, do ensino e do lazer remotos, mediada por softwares de comunicação on-line, tornou-se comum no mundo em quarentena. O compartilhamento de informações e experiências em mídias, por pessoas não especializadas, incorporou-se ao cotidiano (GONZÁLEZ-PADILLA; TORTOLERO-BLANCO, 2020). A realidade da pandemia estabeleceu uma vivência digital marcante, mas não necessariamente nova. Os possíveis problemas e virtudes desse fenômeno já vinham sendo discutidos há anos – inclusive no meio historiográfico.

A pandemia da Covid-19 estabeleceu-se como experiência de escala global (cf. CHAKRABARTY, 2020). Similarmente, as tecnologias digitais, segmentadas em diversas plataformas e funções, também se manifestam como um fenômeno global. Partindo do consenso em que a tragicidade da pandemia catalisa a universalização do digital em um jogo dialógico e retroalimentativo, apresenta-se uma oportuna ocasião para reflexão. Como serão preservados os vestígios de uma experiência tão marcante? Dada a presença incerta de algoritmos e de servidores de um número limitado de empresas, velhos questionamentos ganham novo vigor: a quem cabe a custódia de documentos digitais? Quais as ferramentas adequadas para a preservação e o acesso desses arquivos? Como integrar a participação das pessoas não especializadas, tão impulsionada pelos dispositivos pessoais de registro e pela lógica das redes sociais? Qual o lugar do Estado, da empresa privada, do arquivista e do historiador nesse cenário? Iniciativas de preservação digital da memória da pandemia têm surgido rapidamente, orbitando em torno dessas questões, embora elas não sejam necessariamente inéditas. O fato de elas terem se fortificado, a nível global, no cenário da pandemia, entretanto, enriquece a categoria “arquivo digital” enquanto objeto de estudo acadêmico (cf. MARINO et al, 2020).

Este artigo pretende contemplar a categoria “arquivo digital”, à luz de iniciativas de arquivamento da Covid-19. Embora se trate de experiências novas, em plena fase de implementação, seus recursos e preceitos remetem ao digital como um fenômeno já

historicamente em construção. Observar criticamente os arquivos digitais da pandemia é aproveitar-se de uma oportunidade ímpar, que permite a comparação de diferentes iniciativas sob um evento disruptivo em comum, costurando elementos para um olhar historiográfico sobre o papel do digital na preservação dos vestígios do tempo presente. Inicialmente, tal categoria será discutida na epistemologia do que se tem chamado de história digital e humanidades digitais. Em seguida, serão discutidos alguns dos arquivos digitais da pandemia, com base em uma prospecção empírica de caráter limitado, que busca mais compor uma amostragem de rico potencial analítico que esgotar o campo em questão. Por fim, retorna-se à esfera teórica, propondo-se caminhos para a compreensão do incipiente arquivamento da Covid-19 – e de como propiciam-se reflexões ainda mais amplas.

O arquivo digital

Já não é novidade constatar que as tecnologias digitais compõem o cotidiano profissional de historiadores. O uso de processadores de texto privados, o armazenamento de arquivos em repositórios on-line e o acesso a fontes intermediadas por linguagens e formatos digitais são elementos já corriqueiros da pesquisa acadêmica. Esse processo se iniciou há décadas, com a difusão do computador pessoal, e se consolidou no final dos anos 1990, com a massificação do acesso à internet. Ainda assim, Dilton Maynard (2016) chama a atenção para como faltam reflexões teóricas sobre o impacto dessas tecnologias na epistemologia da história. As mídias digitais atingem, particularmente, o cerne do arquivamento e da disposição de fontes, colocando à pesquisa historiográfica novos desafios. A eles, Serge Noiret (2015) propôs o desenvolvimento de um “novo historicismo digital”, preocupado com uma refundação da história face às inquisições das técnicas do presente.

A chamada história digital vem tentando concretizar esses esforços reflexivos nas últimas duas décadas – ainda que de forma um tanto vacilante. Não há consenso sobre a caracterização

epistemológica do campo, que transita da busca por uma história social das mídias à primazia teórica, que inquire sobre o impacto do digital sobre o fazer historiográfico (MAYNARD, 2016). Além da história, as humanidades digitais também se revigoraram nas últimas décadas, incorporando o uso das tecnologias digitais com traços mais interdisciplinares. Ainda que o surgimento destas remeta às primeiras experiências com computadores, na metade do século XX, as possibilidades de análise em Big Data e com o auxílio de ferramentas de prospecção e visualização de dados impulsionaram as humanidades digitais nos últimos anos. Hoje, é vasta a cartilha de pesquisas que revisam parâmetros de escala e escopo de análise a partir do digital.³ De todo modo, se há um objeto que condiciona a atuação da história digital e das humanidades digitais como conjunto, é o arquivo, como constatou Arjun Sabharwal (2015).

Se a história é constituída a partir de suas fontes, que lhe servem de evidências, o arquivo é uma espécie de “pré-história”, conforme caracterizou Andreas Fickers (2012, p. 4), na medida em que nele se fazem escolhas preliminares sobre a preservação ou o descarte de fontes em potencial. O arquivo configura um processo de recorte de evidências e de seleção de vestígios para a posteridade. Assim, a compreensão e o mapeamento do processo arquivístico são tópicos da reflexão historiográfica, como ressaltou Mario Wimmer (2015), em um raciocínio que pode se estender aos demais saberes das humanidades. Em se tratando do digital, esse tipo de atenção requer maiores cuidados. Os arquivos organizados e acessados em mídias digitais são o sustentáculo de grande parte das iniciativas de pesquisa atuais. A corriqueira presença dessas fontes, no entanto, não diminui os entraves teóricos para que se compreendam seus fundamentos e problemas – embora usos indiscriminados e pouco reflexivos sejam comuns. Compreender o arquivamento digital vem se mostrando uma missão complexa, já que, no conjunto das mudanças introduzidas pelas tecnologias

³ Pode-se citar, por exemplo, os trabalhos de Jo Guldi e David Armitage (2017) na história, e de Franco Moretti (2013) na crítica literária.

digitais, a proveniência e os critérios arquivísticos tornaram-se nebulosos (VAJCNER, 2008).

A designação “arquivo digital” emergiu entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, referindo-se a coleções armazenadas na internet. Desde então, a categoria se diversificou, abrangendo tanto os acervos formais digitalizados, quanto arquivos informais e efêmeros, nato-digitais. Aludindo aos meandros matemáticos que projetam, na tela do computador, um documento, Ina Blom (2017) chamou a atenção para o caráter codificado que compõe os documentos digitais. A decodificação de informações comprimidas em linguagem numérica, que dispara as ações pré-programadas para que se disponibilize um documento digital, pode até se assemelhar aos recursos catalográficos da arquivística tradicional; entretanto, essa característica evidencia, ao menos, duas diferenças centrais em relação ao meio analógico: a composição do documento e o agenciamento sobre o processo arquivístico, como destacou Michael Moss (in CRAVEN, 2008).

Para aqueles não especializados em processamento de dados, como a maioria dos historiadores e humanistas, as operações de arquivamento digital são obscuras. Essas questões também direcionam a problemas mais sérios, como o definhamento da memória como espaço público, o controle dos dados pessoais e públicos por grandes corporações e a retração dos critérios sobre o lembrar e o esquecer. Estes, frequentemente, ficam entregues a protocolos formulados por profissionais incapacitados para o trato patrimonial (MOROZOV, 2018), o que faz do arquivo digital um campo com urgente necessidade de intervenção de humanistas capacitados, que cultivem práticas criteriosas e significativas de arquivamento. Essa demanda é reforçada por duas razões: a imensa quantidade de dados em circulação (BRÜGGER; SCHROEDER, 2017) e a constante substituição de plataformas, que gera a obsolescência quase imediata das anteriores – marca do “atualismo” característico do digital (PEREIRA; ARAUJO, 2019).

É desafiador operacionalizar um estudo teórico de valência global sobre o digital. O fato de a pandemia da Covid-19 ser um evento disruptivo que reforçou a presença tecnológica pelo

munho, no entanto, oferece um oportuno retrato dessas questões, potencializando a análise epistemológica sobre os arquivos digitais em amplo espectro – mesmo em caráter introdutório, como aqui se propõe. O primeiro estudo historiográfico sobre arquivos digitais, na verdade, também partiu da contemplação sobre as práticas decorrentes de um evento disruptivo, o atentado de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. O *September 11th Digital Archive*, iniciativa dedicada à coleta e à preservação das memórias de pessoas comuns sobre o ocorrido, construiu um modelo arquivístico colaborativo inédito, que ficou conhecido por *crowdsourcing* (JARVIS, 2010).

A situação descrita por Klein, apresentada na introdução deste texto, contém fragmentos de opiniões que críticos das mídias cultivam há décadas, compondo um emaranhado de vieses que ajuda a vislumbrar problemas comuns aos arquivos digitais. A desconfiança e a crítica do digital, por um lado, costumam remeter a temas como a ausência de senso crítico em relação à presença do capital privado em assuntos públicos, ao papel dos algoritmos de monitoramento e à problemática ascensão de um “solucionismo digital”, que reduziria dilemas sociais complexos a problemas logísticos, esvaziando e aprofundando esses transtornos (cf. VAIDHYANATHAN, 2011; PARISER, 2011; MOROZOV, 2018). Por outro lado, há quem veja no digital uma ferramenta central para o combate à pandemia, dado o amplo potencial de coleta e uso de dados (cf. HARARI, 2020; JARVIS, 2020; JOHNSON, 2020). Essa leitura otimista celebra a profusão de dados em uma escala inédita, que consolidaria a eficácia produtiva, a segurança e o compartilhamento de informações, empoderando as pessoas comuns (cf. SCHMIDT; COHEN, 2013; JARVIS, 2010; JOHNSON, 2012).

Ainda que essa literatura não se refira especificamente aos arquivos digitais, toca-se em temas sensíveis a eles, como o lugar da empresa privada, a concepção de espaço público, a quantidade de dados e a velocidade de seu processamento e mobilização. O potencial do chamado Big Data é, às vezes, tão celebrado que chegaria a ser dispensável o procedimento científico, defendeu Chris Anderson (2008). Para ele, a construção do pensamento

científico se faz para interpretar vácuos deixados por um número limitado de evidências que sustentam o pensamento hipotético. A abundância de dados proveniente do digital eliminaria a escassez, tornando dispensável o esforço teórico de compreensão de quaisquer problemas.

A historiadora Elisabeth Roudinesco (2006) apresentou uma reflexão semelhante: foi reconstruindo o passado a partir de fragmentos que se desenvolveram os preceitos constitutivos da historiografia. Havendo todos os registros, a história tornaria-se menos importante, na medida em que a expertise da crítica documental e da construção de narrativas coerentes seriam prescindíveis. Roudinesco fez esses comentários ao discutir os arquivos pessoais do século XX, mas as suas ideias ecoam com ainda mais impacto se lidas sob a ótica dos problemas do presente. Poderia o digital proporcionar registros sobre tudo que há? Se sim, haveria espaço para a crítica documental, para a reconstrução narrativa do passado e para as modulações temporais da memória?

Grande parte da experiência da Covid-19 será arquivada no meio digital. Assim, as questões colocadas nos parágrafos anteriores devem dobrar de importância, por se tratar de um dos eventos mais marcantes da história recente, e de escala global. Dada a primazia do digital na pandemia, tudo será arquivado sobre o período, como imaginaria Anderson – ou, ao menos, tudo que for importante? Quem serão os responsáveis por essas iniciativas? Empresas privadas, como temem os críticos do digital? As próprias pessoas, empoderando-se em iniciativas descentralizadas e eficientes, como anseiam os mais otimistas? Quais tipos de documentos serão arquivados, e de que forma eles poderão ser acessados? Qual será o lugar dos historiadores, arquivistas e demais humanistas nesse processo? A lista de questões é longa, dada a urgência do problema em foco. Resolvê-las todas neste artigo seria impossível, considerando a complexidade e a vigência temporal presente da pandemia. Entretanto, propõe-se um olhar inicial sobre os arquivos digitais da Covid-19 como forma de encaminhar ao menos algumas dessas questões, semeando frutos para a pesquisa historiográfica em tempos tão conturbados.

Os arquivos da pandemia

Um estudo sobre arquivos digitais em uma escala global deve considerar as particularidades locais e o fato de se tratar de um evento disruptivo do tempo presente, próximo do pesquisador. Metodologicamente, é promissor

confrontar dois [ou mais] objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum (BARROS, 2007, p. 4).

No caso, o “elemento em comum”, mais do que a pandemia, é a tecnologia digital, o suporte técnico que universaliza a construção arquivística contemporânea. Entretanto, embora ambos sejam fenômenos transnacionais, não se pode entender a construção de uma história global – mesmo sob o viés teórico, como é o caso – de modo atomizante e generalista, como o otimismo com a globalização das técnicas digitais pode levar a pensar. A motivação específica, a estratégia de composição do acervo, as formas de acesso, o tipo de documentação, as ferramentas empregadas, por exemplo, são tópicos variáveis, componentes do “jogo de escalas” que desafia qualquer esforço de estudo histórico global (MORELLI, 2017, p. 10). O estudo comparativo em uma escala transnacional possui provocações teóricas profundas que não admitem observar o potencial analítico global como um elixir da contemporaneidade, como nota Jeremy Adelman (2017) – ainda mais em um contexto em que a retórica de movimentos políticos nacionalistas pauta agendas regionais particularmente críticas ao internacionalismo.

Ainda que desafiadores, entretanto, esses tópicos fazem-se ricamente oportunos. A análise desses arquivos, em perspectiva comparada, indica tensões e disputas entre o global e o local, entre o nacional e o internacional. Por consequência, matiza-se, em experiências concretas, quais sintomas as tecnologias apontam

acerca das manifestações da memória e da imaginação histórica figuradas pelas mídias digitais em diferentes cenários, em um sentido de reciprocidade de influências transnacional e dialético. À historiografia e às humanidades, que já se utilizam de fontes e ferramentas digitais cotidianamente, apresenta-se a possibilidade de consolidação teórica dos recursos técnicos que viabilizam a pesquisa arquivística e a preservação documental.

As iniciativas de arquivamento digital da pandemia da Covid-19 se iniciaram, genericamente, de março de 2020 em diante. Trata-se de experiências em plena fase de implementação, de modo que não há como saber quais delas terão êxito. Propõe-se discutir apenas alguns desses arquivos, compondo uma amostra diversa e geograficamente ampla – ainda que haja atenção especial a casos brasileiros. Vale destacar, contudo, que há projetos interessados na realização de mapeamentos mais amplos das iniciativas, como o *Mapping Public History Projects about COVID 19*, realizado pela *International Federation of Public History (IFPH)*, em parceria com a organização *Made By Us*. O levantamento utiliza-se de uma ferramenta de georreferenciamento vinculada ao Google para compor um mapa global interativo e colaborativo dos arquivos da pandemia – embora destaquem-se mais as experiências do Estados Unidos e da Europa.

A prática do *crowdsourcing*, citada anteriormente, foi adotada em um dos primeiros arquivos digitais da pandemia, o *Coronarchiv*, da Universidade de Hamburgo, na Alemanha. O projeto possui um *website* próprio, no qual os usuários podem compartilhar suas experiências e registros em diferentes formatos, através de um formulário com metadados articulados ao upload dos documentos. Em outro caso, o *Museu Nacional da Estônia*, embora possua o mesmo intuito, mescla elementos analógicos aos digitais, recebendo contribuições via e-mail e carta. Na América Latina, iniciativas como o *Proyecto Había una vez una Pandemia. Uruguay en tiempos de Covid 19*, do Museu Nacional de Antropologia do Uruguai, e o *Memoria Covid-19*, da Biblioteca Digital da Universidade do Chile, seguem caminhos semelhantes, utilizando-se da participação voluntária para compor seus acervos

– ainda que as ferramentas para a contribuição não sejam iguais, variando entre diferentes formas de coleta (formulário, e-mail ou upload integrado, principalmente). Em alguns casos, o intuito por impulsionar a colaboração leva os arquivos a adentrarem o universo das redes sociais, como no caso do projeto *Bridging the Distance – Sharing our COVID-19 Pandemic Experiences*, liderado pelo Museu Nacional da Austrália, que se utiliza de uma página no Facebook para viabilizar o *crowdsourcing*.

Algumas iniciativas no Brasil seguem um caminho semelhante, em propostas capitaneadas pelo Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* – e pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, – *Testemunhos do Isolamento* – que disponibiliza formulários do Google para o compartilhamento de experiências. Outra iniciativa, *Memórias Covid-19*, vem sendo realizada na Universidade Estadual de Campinas, com uma plataforma própria para coleta e exposição on-line na rede social Instagram. Outros projetos caracterizam-se pela adoção da história oral, como o *Histórias da Pandemia na Baixada Fluminense*, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que disponibiliza um número do aplicativo WhatsApp para usuários da região – muitos deles de baixa renda – enviarem relatos. O projeto italiano *Tracce dalla quarantena* também optou pela abordagem da história oral, colhendo relatos que foram disponibilizados em agregadores de áudio populares, como o Spotify.

Para além da participação comunitária, alguns arquivos produzem conteúdos especializados, como é o caso do *Coronarchivos*, fruto da parceria entre a Universidade Nacional da Colômbia e a Universidade de Cundinamarca. Esse arquivo procura armazenar evidências sobre a vida selvagem durante a pandemia – interpretando os impactos da diminuição da atividade produtiva, poluente e turística sobre a vida dos animais. Há também a página russa *N+1*, que conta com financiamento federal: além de receber sugestões e contribuições de visitantes, o arquivo produz conteúdos relacionados a rumores e às chamadas *fake news*, criando guias que preservam evidências e desmentem informações falsas. O *Yunnan Archives*, organizados pelo poder público da

província de Yunnan, na China, possui um intuito semelhante. Reiterando a relevância da custódia arquivística de *fake news*, o arquivo incentiva a colaboração popular e produz conteúdos autônomos com finalidade informativa.

Há também iniciativas autônomas, de pessoas comuns e de organizações da sociedade civil, que transitam do *crowdsourcing* à raspagem e à visualização de dados. Pode-se destacar a coleção de *websites* que tratam da Covid-19 organizada pela *International Internet Preservation Consortium*, organização internacional de arquivamento digital originada na França, em 2003. O projeto *Lockdown Diaries*, embora liderado por pesquisadores acadêmicos, atua como uma organização independente, mesclando o *crowdsourcing* à produção de conteúdo autônomo para registrar o cotidiano da quarentena de setenta voluntários residentes na Cidade do Cabo. Com um *website* próprio, o projeto almeja, além de preservar essas memórias, formular requisições ao poder público, detectando demandas que a realidade do isolamento social impôs à população sul-africana.

Dentre as iniciativas de organizações da sociedade civil no Brasil, pode-se destacar a atuação da *Open Knowledge Brasil*, que, com o projeto *Transparência COVID-19 2.0*, busca disponibilizar um banco de dados sobre o perfil e a geolocalização de infectados e mortos. Esses dados, coletados de instituições públicas e privadas, são dispostos em gráficos interativos e relatórios informativos em uma *website* próprio, conotando um arquivo autônomo de ampla sofisticação técnica. Uma abordagem análoga foi realizada pelo físico Wesley Cota, que possui uma iniciativa própria de coleta, análise, visualização de dados e conteúdo científico sobre a pandemia no Brasil e na Espanha. Outro projeto interessante é o *Varal de Emoções*, que também se caracteriza pelo *crowdsourcing*, mas é uma iniciativa informal e voluntária, realizada no Instagram por duas moradoras da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.

Casos como esses colorem a incipiente paisagem dos arquivos digitais da pandemia. Há grande variedade entre eles, no que tange à titularidade, às formas de composição dos acervos, às plataformas de visualização e aos tipos de documentos

privilegiados. Embora a amostragem não chegue nem perto de compreender a totalidade das iniciativas de arquivamento digital da Covid-19 pelo mundo, a variedade de casos destacada permite fazer algumas constatações e sugestões preliminares sobre o tema. É interessante notar que arquivos digitais organizados por instâncias públicas ou privadas, em regiões tão distintas do mundo, optem por técnicas tão próximas e dialógicas. Naturalmente, há especificidades que demandam esforços etnográficos localizados, a fim de que não se generalize o lugar do digital nas formas de agenciamento patrimonial contemporâneas. Entretanto, o caráter introdutório aqui proposto permite sugerir algumas linhas interpretativas úteis na compreensão global do fenômeno.

Quanto à titularidade e aos responsáveis pelas iniciativas, nota-se uma importante presença de instituições públicas, por meio de arquivos e museus estatais, ao lado de universidades. No entanto, há também ambiciosas iniciativas de organizações da sociedade civil e de pessoas comuns, que procuram cultivar coleções de forma independente e desvinculada de critérios arquivísticos institucionalizados. Vale destacar que o mapeamento destas é mais desafiador do que o dos arquivos estatais ou acadêmicos, na medida em que se constituem como “arquivos informais”, como conceituou Adam Auerbach (2018). Arquitetando-se de forma difusa, espontânea ou provocada, essas iniciativas – comumente veiculadas em redes sociais – só podem ser compreendidas por meio de abordagens etnográficas, colocando-se um desafio teórico e metodológico ao estudo dos arquivos digitais.

A composição dos acervos, em sua maioria, parece preferir a abordagem de *crowdsourcing*, confirmando a impressão otimista dos comentaristas que celebram o potencial colaborativo e dinâmico das mídias digitais. O próprio levantamento da IFPH privilegia tais iniciativas, denotando os bons olhos com que historiadores identificados com a história pública têm tratado o *crowdsourcing* (cf. LUCCHESI, 2018). Dado o interesse por reconfigurar-se a produção historiográfica, conferindo maior significado à dimensão pública da história, valoriza-se a abertura de caminhos à participação voluntária de um público não especializado, que

as mídias digitais tendem a oferecer.⁴ Há espaço, no entanto, para arquivos que privilegiam outras técnicas de composição, como os que produzem conteúdos autônomos, como textos e gráficos informativos. Há também os acervos que apostam no potencial da programação computacional, a partir da raspagem de dados públicos e privados para a criação de repositórios independentes, que oferecem tanto dados estruturados para pesquisadores quanto formas de visualização para o público amplo.

Nota-se uma recorrência ao uso de recursos técnicos de plataformas privadas populares para a composição, o armazenamento e a apresentação dos arquivos. O uso de formulários do Google e de estratégias similares tem sido comum na coleta de documentos via *crowdsourcing*. A criação de páginas em redes sociais populares, como o Instagram e o Facebook, também tem sido recorrente nessas iniciativas – porque, para a alimentação de seus acervos, elas necessariamente precisam se tornar conhecidas, atraindo novos voluntários. Assim, seguindo a tendência dessas plataformas, é comum que muitos dos acervos observados privilegiem a comunicação audiovisual, compondo-se de documentos iconográficos, vídeos e pequenos textos. Esboçando um princípio de tendência museológica, esses arquivos parecem mais interessados na publicitação do acervo a um público amplo do que no fornecimento de subsídios para pesquisa. No entanto, há projetos com páginas independentes, e estes possuem mais tipos de documentos: textos mais longos – sejam relatos ou análises de especialistas –, gráficos e interfaces interativas, e dados estruturados em formatos favoráveis à análise computacional – como .csv ou .json, por exemplo –, que privilegiam um público de pesquisadores especializados.

Esses apontamentos figuram apenas uma introdução aos arquivos digitais da pandemia; ainda há muito a ser explorado. É

⁴ Há também questionamentos e críticas relevantes ao modelo de *crowdsourcing*, que costumam destacar a sua instabilidade temática, o potencial de minoração de experiências pouco populares e um caráter mais aditivo do que efetivamente colaborativo e público (cf. MOROZOV, 2018; HAN, 2019).

possível que muitas das iniciativas destacadas não sigam adiante, enquanto outras, aqui não atendidas, emergem com sucesso. Interessa notar, no entanto, que o panorama de características esboçado nas páginas anteriores não é exclusivo da experiência da Covid-19. Tais agentes, recursos e escolhas arquivísticas já se manifestavam, mas nunca respondendo a um estímulo disruptivo em comum. A Covid-19 confluiu esses canais em manifestações simultâneas de uma temática universal, e é isso que torna o arquivamento digital da pandemia um objeto de estudo tão rico e instigante. Os comentários tecidos neste artigo permitem avançar para problemas mais amplos, que o recorte temático tende a restringir.

Considerações finais

Há uma leitura da noção de “arquivo” que vai além da instituição que preserva materiais diversos para usos futuros. Arquivar é uma prática, um agenciamento deliberativo sobre o lembrar e o esquecer. Essa dimensão, discutida por Michel Foucault (2003) e Jacques Derrida (2001), enfatiza o arquivo enquanto instância decisória sobre o legado da experiência humana. Autoridade manipuladora da preservação ou destruição dos vestígios, o arquivo é um dispositivo de poder que não só determina as representações do passado, mas condiciona os horizontes de imaginação do presente e do futuro. Levando-se em conta essa ótica e a dimensão traumática e global da pandemia da Covid-19, pensar seus arquivos digitais acresce-se de mais uma camada de relevância.

O arquivo é uma instância condicionante da pesquisa historiográfica e as tecnologias digitais são matéria comum no cotidiano de contemporâneo. Logo, compreender os arquivos digitais é uma pré-condição teórica para uma reflexão que procure ir além da manipulação apenas instrumental das suas fontes. Considerando-se que a experiência da Covid-19 vem sendo arquivada majoritariamente no meio digital, justifica-se o esforço teórico e empírico de se compreender, mesmo que de forma

introdutória, como vem se compondo o panorama arquivístico desse evento. Este artigo propôs reflexões apenas introdutórias, dada a incipiência com que as questões se manifestam atualmente. Pesquisadores interessados em adentrar os arquivos da Covid-19 deverão estar atentos aos problemas propostos nas páginas anteriores, mas também ir além deles, reconhecendo os limites e a incipiência dos casos em questão. Em certo momento, questionou-se qual seria o lugar dos historiadores e humanistas em um cenário em que o arquivo digital poderia, hipoteticamente, tudo preservar. A quantidade de problemas teóricos ainda irresolutos nesse meio responde a essa questão, afirmando o protagonismo e a urgência com que esses profissionais devem atuar no cenário contemporâneo.

Referências

- ADELMAN, Jeremy. What is global history now? **Aeon**, 2017. Disponível em: <https://aeon.co/essays/is-global-history-still-possible-or-has-it-had-its-moment>. Acesso: 9 out. 2020.
- ANDERSON, Chris. The End of Theory: The Data Deluge Makes the Scientific Method Obsolete. **Wired**, 23 jun. 2008. Disponível em: <https://www.wired.com/2008/06/pb-theory/>. Acesso: 18 set. 2020.
- AUERBACH, Adam. Informal Archives: Historical Narratives and the Preservation of Paper in India's Urban Slums. **St Comp Int Dev.**, Providence, v. 53, 2018. p. 343-364.
- BARROS, José D'Assunção. História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**, v.1, n.1, 2017. p. 1-20.
- BLOM, Ina et al (eds). **Memory in Motion: Archives, Technology and the Social Memory**. Amsterdam University Press, 2017.
- BRÜGGER, Niels; SCHROEDER, Ralph (eds). **The Web as History. Using Web Archives to Understand the Past and the Present**. Londres: UCL Press, 2017.

CHAKRABARTY, Dipesh. An Era of Pandemics? What is Global and What is Planetary About COVID-19. **Critical Inquiry**, 2020. Disponível em: <https://critinq.wordpress.com/2020/10/16/an-era-of-pandemics-what-is-global-and-what-is-planetary-about-covid-19/>. Acesso: 20 out. 2020.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FICKERS, Andreas. Towards A New Digital Historicism? Doing History In The Age Of Abundance. **Journal of European History and Culture**, Vol. 1, 1, 2012. p. 19-26.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1986.

GONZÁLEZ-PADILLA, Daniel; TORTOLERO-BLANCO, Leonardo. Social media influence in the COVID-19 Pandemic. **Int. braz. j. urol**, v. 46, 2020.

GULDI, Jo; ARMITAGE, David. **The History Manifesto**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HARARI, Yuval. Na batalha contra o coronavírus, a humanidade carece de líderes. **El País**, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/na-batalha-contr-o-coronavirus-a-humanidade-carece-de-lideres.html>. Acesso: 18 set. 2020.

JARVIS, Jeff. Entrevista a Lívia de Souza Vieira. **Observatório da Ética Jornalística**, 14 mai. 2020. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2020/05/14/jeff-jarvis-nesta-pandemia-nosso-inimigo-e-a-ignorancia-nossa-melhor-arma-e-a-expertise/>. Acesso: 18 set. 2020.

JARVIS, Lee. Remember, remember 11 September: memorializing 9/11 on the Internet. **Journal of War & Culture Studies**, vol. 3, nº 1, 2010. p. 69-82.

JOHNSON, Steven. How Data Became One of the Most Powerful Tools to Fight an Epidemic. **The New York Times**, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/06/10/magazine/covid-data.html>. Acesso: 18 set. 2020.

JOHNSON, Steven. **Future Perfect: the case for progress in a networked age**. New York: Riverhead, 2012.

KLEIN, Naomi. Screen New Deal. **The Intercept**, 8 mai. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/08/andrew-cuomo-eric-schmidt-coronavirus-tech-shock-doctrine/>. Acesso: 18 set. 2020.

LUCCHESI, Anita. Senta que lá vem a história: #memorecord for a historiography closer to life. **C2DH**, 2018. Disponível em: <https://www.c2dh.uni.lu/thinking/senta-que-la-vem-historia-memorecord-historiography-closer-life>. Acesso: 18. set. 2020.

MARINO, Ian K.; SILVEIRA, Pedro T. da Silveira; NICODEMO, Thiago L. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir da Covid-19. **Cadernos do Tempo Presente**. 11 (01), 2020. p. 90-103.

MAYNARD, Dilton. Passado Eletrônico: notas sobre História Digital. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p, jul./dez. 2016.

MORELI, Alexandre. Vida (e morte?) da História Global. **Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, 2017. p. 5-16.

MORETTI, Franco. **Distant reading**. Edinburgh: Verso, 2013.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOSS, Michael. Opening Pandora's Box: What is an archive in the digital environment? in CRAVEN, Loise. **What are Archives?** Burlington: Ashgate, 2008, p. 71-89.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, maio 2015, p. 28-51.

PARISER, Eli. **The filter bubble – What the internet is hiding from you**. New York: Penguin Books, 2011.

PEREIRA, Matheus Henrique; ARAUJO, Valdei. **Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI**. Vitória: Milfontes, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A análise e o arquivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SABHARWAL, Arjun. **Digital Curation in the Digital Humanities. Preserving and Promoting Archival and Special Collections**. Waltham: Chandos Publishing, 2015.

SCHMIDT, Eric; COHEN, Jared. **A nova era digital: como será o futuro das nações e dos negócios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

VAIDHYANATHAN, Siva. **The Googlization of everything (and why we should worry)**. Berkley: University of California Press, 2011.

VAJCNER, Mark. The Importance of Context for Digitized Archival Collections. **Ann Arbor: MPublishing**, University of Michigan Library. vol. 11, no. 1, April 2008, n. p.

WIMMER, Mario. The Present as Future Past: Anonymous History of Historical Times. **Storia della Storiografia**. n. 68. 2015. p. 165-183.

Iniciativas arquivísticas citadas

ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Testemunhos do Isolamento**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/testemunhos-do-isolamento>. Acesso: 31 out. 2020.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs>. Acesso: 31 out. 2020.

BIBLIOTECA DIGITAL DA UNIVERSIDADE DO CHILE. **Memoria Covid-19**. Disponível em: https://bibliotecadigital.uchile.cl/discovery/search?vid=56UDC_INST:COVID&fbclid=IwAR1nZP-BvodQZL5jexZnGeZnng206qskhIwJzuNRGwwAd2Lc98DB715tnU8. Acesso: 31 out. 2020.

CAPETOWN LOCKDOWN. **Lockdown Diaries**. Disponível em: <https://capetownlockdown.wordpress.com/>. Acesso: 31 out. 2020.

CHINA ARCHIVES. **Yunnan Archives**. Disponível em: <http://www.ynda.yn.gov.cn/>. Acesso: 31 out. 2020.

INTERNATIONAL FEDERATION OF PUBLIC HISTORY; MADE BY US. **Mapping Public History Projects about COVID 19**. Disponível em: <https://ifph.hypotheses.org/3276>. Acesso: 31 out. 2020.

INTERNATIONAL INTERNET PRESERVATION CONSORTIUM. **IIPC Collaborative Collections: Novel Coronavirus outbreak**. Disponível em: <https://netpreserve.org/events/iipc-cdg-collection-novel-coronavirus-outbreak/>. Acesso: 31 out. 2020.

LAGAREDESGARS. **Tracce dalla quarentena**. Disponível em: <https://www.spreaker.com/user/lagaredesgars>. Acesso: 31 out. 2020.

MUSEU NACIONAL DA AUSTRÁLIA. **Bridging the Distance — Sharing our COVID-19 Pandemic Experiences**. Disponível em: <https://www.nma.gov.au/about/bridging-the-distance-pandemic-experiences>. Acesso: 31 out. 2020.

MUSEU NACIONAL DA ESTÔNIA. *Kuidas koroonaviiruse epideemia mõjutab sinu elu?* Disponível em: <https://erm.ee/et/koroonaviirus>. Acesso: 31 out. 2020.

MUSEU NACIONAL DE ANTROPOLOGIA DO URUGUAI. *Proyecto Había una vez una Pandemia. Uruguay en tiempos de Covid 19*. Disponível em: <https://www.mna.gub.uy/innovaportal/v/124258/14/mecweb/proyecto-habia-una-vez-una-pandemia-uruguay-en-tiempos-de-covid-19?parentid=123586>. Acesso: 31 out. 2020.

N+1. *Энциклопедия коронавирусаных слухов и фейков*. Disponível em: https://nplus1.ru/material/2020/04/08/coronarumors?fbclid=IwAR3WuIcZa9b5BQ_X_IQfo1w5owxIinwxkZ04D_mollRV-6jlibWH25AHX0OI. Acesso: 31 out. 2020.

OPEN KNOWLEDGE BRASIL. **Transparência COVID-19 2.0**. Disponível em: <https://transparenciacovid19.ok.org.br/>. Acesso: 31 out. 2020.

UNIVERSIDADE DE HAMBURGO. **Coronarchiv**. Disponível em: <https://coronarchiv.geschichte.uni-hamburg.de/projector/s/coronarchiv/page/willkommen>. Acesso: 31 out. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Memórias Covid-19**. Disponível em: <https://memoriascovid19.unicamp.br/>. Acesso: 31 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. **Histórias da Pandemia na Baixada Fluminense**. Disponível em: <http://cidadania.forum.ufrj.br/index.php/contatos/196-historias-da-pandemia-na-baixada-fluminense>. Acesso: 31 out. 2020.

UNIVERSIDADE NACIONAL DA COLÔMBIA; UNIVERSIDADE DE CUNDINAMARCA. **Coronarchivos**. Disponível em: <https://www.coronarchivos.com/bienvenidos>. Acesso: 31 out. 2020.

VARAL DE EMOÇÕES. Disponível em: <https://www.instagram.com/varaldeemocoes/>. Acesso: 31 out. 2020.

WESLEY COTA. **Epidemic spreading in Complex Networks**. Disponível em: <https://wesleycota.com/>. Acesso: 31 out. 2020.